

O que um diário de campo tem a dizer sobre um questionário estruturado?: reflexões de uma experiência de pesquisa em Salvador, Bahia.*

Glaucia Marcondes*

Palavras-chave: técnicas qualitativas, metodologia de pesquisa, trabalho de campo.

Resumo

A aplicação conjunta de técnicas qualitativas e quantitativas em estudos demográficos é um tema que suscita debate no qual, por um lado, se apontam aspectos positivos pela possibilidade de imprimir maior dinamismo às análises assim como no refinamento analítico de eventos que se inserem em contextos cada vez mais complexos. De outro lado, igualmente se colocam as dificuldades operacionais e metodológicas de se trabalhar com conjuntos de materiais com características tão distintas. A união de técnicas qualitativas e quantitativas é característica de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Salvador, Bahia, que teve como foco a captação de informações sobre aspectos da vida doméstico-familiar de Grupos Domésticos (GDs) de segmentos sociais médios. Em sua primeira fase, a pesquisa envolveu a aplicação de um questionário estruturado. Para cada questionário, os entrevistadores foram orientados a fazer um relato escrito sobre a dinâmica da entrevista e seus contextos externos (aspectos principalmente relacionados à localidade e a casa) e internos (reações a alguns quesitos do questionário, esclarecimentos adicionais acerca de algumas respostas, dúvidas sobre o enquadramento da resposta, entre outros). Esse artigo discute essa estratégia de pesquisa pautando-se por elementos que emergem dos debates metodológicos referentes à utilização de metodologias qualitativas no campo demográfico.

* Trabalho apresentado no IV Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Havana, Cuba de 16 a 19 de Novembro de 2010.

* Pesquisadora Associada do CRH/UFBA. Bolsista de Pós-Doutorado da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

O que um diário de campo tem a dizer sobre um questionário estruturado?: reflexões de uma experiência de pesquisa em Salvador, Bahia.*

Glaucia dos Santos Marcondes *

Introdução

Este artigo tem como proposta central discutir uma estratégia de pesquisa que conjugou uma ferramenta quantitativa (entrevista estruturada) e outra qualitativa (relato de campo) pautando-se por elementos que emergem dos debates metodológicos referentes à utilização de metodologias qualitativas na abordagem de questões demográficas.

Os debates metodológicos são essenciais para o desenvolvimento do conhecimento científico na medida que colocam em evidência as formas de entendimento sobre o real; quais e como eventos ou fenômenos relacionados a essa realidade têm sido sistematicamente observados, descritos e analisados; assim como, o papel exercido pelo pesquisador no processo de pesquisa. Essa discussão adquire particular intensidade quando o objeto em questão é a própria realidade social. No campo das Ciências Humanas e Sociais os pressupostos que informam o paradigma positivista – objetividade, regularidade, linearidade, redução, tendência à estabilidade – invariavelmente são associados a estratégias de pesquisa que utilizam metodologias quantitativas. Isso implicaria um tipo de apreensão mais reducionista e sincrônica da vida social. As metodologias qualitativas, por sua vez, são comumente associadas a arcaísmos teóricos que procuram lidar com as subjetividades, buscando compreender os significados, símbolos e linguagens construídos e partilhados socialmente, atribuindo à realidade social um caráter multidimensional e complexo. Essa perspectiva dá forma ao chamado paradigma compreensivo.

Desse modo, estratégias de quantificação ou de qualificação do material empírico são colocadas comumente não apenas como diferentes, mas como opostas, até mesmo excludentes, alimentando discussões do tipo: qualitativos *versus* quantitativos. Contudo, em tempos mais recentes outras vertentes tem ganhado espaço nos debates apontando para as possibilidades de integração dessas estratégias, seja pela via da complementaridade ou da mistura (*mixed*). No primeiro caso, o da complementaridade, a posição dicotômica das estratégias é mantida e, conforme o desenho de

* Trabalho apresentado no IV Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Havana, Cuba de 16 a 19 de Novembro de 2010.

* Pesquisadora Associada do CRH/UFBA. Bolsista de Pós-Doutorado da Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

pesquisa, também pode ser atribuído pesos diferenciados na análise do objeto. Diferentemente, nas propostas de “metodologias mistas” a dicotomia e hierarquização entre as estratégias seriam eliminadas, atuando de forma paralela ou até mesmo como um *continuum*.

Um ponto central nos questionamentos levantados por essas vertentes diz respeito à importância da elaboração da questão de pesquisa. Pois é a pergunta que se quer responder que definirá a escolha do melhor ou mais apropriado método de investigação, inclusive sobre as combinações possíveis.

Dado este contexto, como a produção demográfica se situa ou tem assimilado esses debates metodológicos? Particularmente, o campo demográfico se desenvolveu e ganhou notoriedade científica por seu uso intensivo de metodologias quantitativas, que auxiliado pelas inovações tecnológicas na área da informática, contribuíram para a elaboração de análises estatísticas cada vez mais refinadas (modelagens). Abordagens utilizando metodologias qualitativas praticamente ocupam uma posição marginal dentro do campo, mas que suas contribuições têm sido colocadas em discussão diante dos questionamentos sobre a capacidade das análises quantitativas fornecerem modelos explicativos satisfatórios sobre processos sociais que apresentam interações cada vez mais complexas.

Um debate em aberto: as contribuições das metodologias qualitativas na compreensão dos processos demográficos.

Em sua proposta de uma reflexão crítica sobre as contribuições das pesquisas qualitativas e quantitativas no processo de construção do objeto demográfico, Fazito(2009) considera que a formalização matemática e a modelagem econômica e estatística, fortemente presentes na produção demográfica, imprimiu uma certa “aparência asséptica” ao campo. Cria-se uma percepção de que se está “livre” ou afastado das inconsistências lógicas e dos conteúdos subjetivos comuns das pesquisas sociais. Trata-se de uma visão ilusória, segundo o autor, na medida em que desconsidera as limitações e problemas existentes nas estratégias quantitativas, como, por exemplo, o papel da subjetividade do pesquisador ao longo do processo de pesquisa. Além disso, há fenômenos empíricos extremamente complexos que nem sempre *surveys* e outros tipos de inquéritos conseguem atingir satisfatoriamente seu objetivo de dar subsídios para a formulação de modelos gerais, ordenação causal ou para projeções. Destaca ainda esse autor, que as estratégias quantitativas são operacionalizadas a partir de construções categóricas e sintéticas, conformando os fenômenos estudados a unidades fixas, muitas vezes perdendo o caráter processual ou as dinâmicas nas quais estão inseridos. Algo que as estratégias qualitativas procuram recuperar, mas com alcance mais restrito.

Fazito(2009) argumenta que para melhor entendermos certos comportamentos demográficos, suas transformações ao longo do tempo e em distintos lugares, faz-se necessário aprofundar nosso conhecimento objetivo sobre as interações entre os atores e as estruturas sociais. Significa, levar em consideração os processos de “construção, percepção e atribuição de significados aos eventos vitais empreendidos pelos atores sociais”. Na visão do autor, o reconhecimento da importância dos processos históricos e sociais na conformação dos comportamentos

demográficos nos permite entender e, igualmente, reconhecer a importância das estratégias qualitativas na produção de modelos demográficos.

Outros autores também procuram discorrer sobre as contribuições das estratégias qualitativas em termos de adoção de perspectivas multidisciplinares. Obemeyer (1997) destaca que o principal referencial teórico-metodológico dos demógrafos para a incorporação de técnicas e análises qualitativas tem sido a Antropologia. As reflexões sobre as possibilidades de abordagens antropológicas proverem *insights* para uma apreensão mais aprofundada das dinâmicas demográficas tem sido mais recorrentes do que apontamentos sobre alternativas oferecidas por outras áreas das ciências sociais e humanas. No sentido apontado por Fazito (2009), Kertzer e Fricke (1997) avaliam que o reconhecimento das limitações que os dados de tipo *survey* possuem para fornecer informações de forma acurada e contextualizada sobre os múltiplos níveis da realidade social e a consideração da dimensão cultural como um elemento importante para a compreensão do comportamento demográfico são elementos que tem possibilitado a aproximação entre demógrafos e antropólogos. Essa aproximação contribuiria para a construção de um debate teórico mais complexo e interessante na Demografia, que segundo esses autores, teria sido negligenciado em decorrência de um maior investimento reflexivo científico no aprimoramento dos ferramentais de análise.

Igualmente entendendo a aproximação entre Demografia e Antropologia como uma maneira de revitalizar reflexões teóricas do campo demográfico, Scheper-Hughes (1997) discorre que criar espaços para o desenvolvimento de uma demografia crítica interpretativa tenderia a proporcionar questionamentos mais radicais sobre aquilo que se considera neutro e objetivo nas categorias de pesquisa elaboradas e difundidas nos estudos demográficos. Esse tipo de perspectiva crítica poderia auxiliar nas avaliações sobre as lacunas, sobre aquilo que as análises demográficas tradicionais têm perdido ou ignorado e o que ainda precisa ser construído pelo conhecimento produzido no campo demográfico.

Contudo, Obemeyer (1997) aponta que o interesse por técnicas qualitativas como complemento para análises demográficas tradicionais tem despertado tanto reações entusiásticas quanto apreensivas. O entusiasmo viria da consideração da importância da colaboração multidisciplinar para a compreensão de questões demográficas cada vez mais complexas. No caso das apreensões, elas remetem à possibilidade de uma incorporação de métodos qualitativos sem uma devida reflexão sobre seu uso, o risco da banalização seria a produção de análises superficiais e pouco frutíferas para o campo demográfico. Essa questão também é ressaltada por Fazito (2009) que acredita que muitos demógrafos utilizam estratégias qualitativas de maneira secundária e pouco desenvolvida dentro dos desenhos de pesquisa por ainda desconfiarem das possibilidades analíticas oferecidas por elas.

Vários desses autores avaliam que a questão não se resumiria a simples assimilação ou combinação de técnicas *qualis* e *quantis*. Haveria uma grande necessidade de repensar as formas pelas quais são construídos os conhecimentos sobre os processos demográficos, demandando uma teoria social e cultural mais sofisticada. Implicaria trazer a tona novas formas de pensar o objeto de estudo e a interação entre pesquisadores e esses objetos. Alguns pontos de mudança e, conseqüentemente, de tensões nessa interação multidisciplinar e de diferentes estratégias de pesquisa pode ser observado no fato de que tem despontado nos questionários e *surveys* questões que até então eram desconsideradas pela Demografia (relações de poder, contextos locais, etc...)

que têm promovido uma verdadeira revitalização dos inquéritos demográficos. A apreciação sobre as possibilidades e impactos dessa multidisciplinaridade ainda demanda de discussões mais aprofundadas, pois se configura como uma questão em aberto e que ainda se desenvolve às margens do campo demográfico.

O relato de uma estratégia de pesquisa: conjugando questionários estruturados e diários de campo

O estudo *Processos de constituição, organização e manutenção da vida doméstico-familiar na Cidade do Salvador*² teve por objetivo a captação de informações sobre aspectos da vida doméstico-familiar de tipos diferenciados de Grupos Domésticos (GD)³ de segmentos sociais médios⁴. O desenho do estudo abarcou a combinação de duas fases de coleta de dados, com amostras não representativas. Em sua primeira fase, que foi desenvolvida no período de maio a julho de 2009, foram aplicados questionários com perguntas fechadas, estruturado em torno de quatro blocos temáticos – os dois primeiros referentes à todos os integrantes do GD, e os dois últimos exclusivamente para as mulheres declaradas como responsável pelo GD e todas aquelas que moravam com filhos e/ou esposo/companheiro – contemplando os seguintes conteúdos:

1. **Caracterização dos Grupos Domésticos:** informações sobre as principais características (idade, sexo, relação de parentesco com a pessoa de referência, número de moradores, número de núcleos conjugais ou parentais; instrução; *status* conjugal, entre outras) dos moradores.
2. **Modos de Manutenção da Vida Doméstico-Familiar** Este bloco aborda quatro subtemas: (a) Atividades de manutenção da casa (divisão de tarefas domésticas – responsabilidades para com a alimentação, limpeza e manutenção estrutural do domicílio) e de bem-estar dos integrantes dependentes do GD (responsabilidade pelos cuidados com as crianças até 10 anos de idade e de pessoas com algum tipo de deficiência mental,

² Pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) através de bolsa de pós-doutorado. Projeto BOL 1529/2008. Gostaria de registrar meus profundos agradecimentos à Profa. Dra. Guaraci Adeodato Alves de Souza e aos alunos de iniciação científica Débora Macedo Costa, Juliana de Araújo Reis e Maycon Silva Lopes que foram essenciais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

³ Entendida na pesquisa como “[...] uma organização estruturada a partir de redes de relações sociais estabelecidas entre indivíduos unidos ou não por laços de parentesco, que compartilham uma residência e organizam em comum a reprodução cotidiana.” (SOUZA, 2008:2)

⁴ A tipologia sócio-espacial elaborada por Carvalho e Pereira (2006; 2008) para Salvador foi utilizada tanto como referencial teórico para definir o entendimento que se deu para “segmentos sociais médios” no escopo da pesquisa, como também estratégia para a delimitação do trabalho de campo. Trata-se de uma tipologia elaborada com base nos dados censitários de ocupação da população, utilizando uma metodologia reconhecida no meio científico, que assume como “pressuposto teórico de que o trabalho constitui a variável básica para a compreensão das hierarquias e da estrutura social, traduzindo em grande medida, o lugar que as pessoas ocupam nas relações econômicas e a dimensão simbólica que tem esse lugar” (CARVALHO e PEREIRA, 2008: 87). Essa tipologia compreende 7 categorias – *superior, média-superior, média, popular, popular-inferior, popular-operária-agrícola e popular agrária*. Os bairros classificados na categoria *média*, segundo Carvalho e Pereira (2008), abrigavam concentrações significativas de profissionais de nível superior, pequenos empregadores, trabalhadores de ocupações técnica-administrativas, ocupações de nível médio das áreas de educação e saúde.

motora, auditiva ou visual); (b) Auxílios e rendimentos recebidos e compartilhados pelos integrantes do grupo doméstico; (c) necessidade de atendimento médico e acesso a serviços de saúde no período de seis meses anteriores à pesquisa; (d) contextos da formação escolar dos moradores com até 24 anos de idade.

3. **Casamento e formação da família:** Contempla informações sobre a história de união conjugal das mulheres (número, tipo, início e duração, razões de término, filhos de cada união, estado conjugal e parental anterior do companheiro atual, entre outras) visando identificar os momentos de constituição e transformação na composição do GD.
4. **Filhos e Descendências:** Recupera informações sobre todos os nascidos vivos tidos pelas mulheres e a trajetória de convivência com esses filhos (ordem de nascimento, sobreviventes, saídas e retornos do GD, condição de conjugalidade e de procriação, coabitação com noras, genros e netos), permitindo uma primeira reflexão sobre situações e momentos de expansão e retração dos GDs.

A primeira etapa do campo recolheu informações referentes a 70 GDs, dentre os quais 6 casos considerados exemplares foram selecionados para a realização de entrevistas em profundidade, recuperando a história de vida familiar de procriação da pessoa responsável pelo GD ou seu cônjuge, aprofundando a abordagem de questões referentes aos processos de formação, expansões e retrações dos GDs e de outros aspectos levantados durante a realização da primeira etapa. Nesse artigo me deterei em aspectos relacionados a aplicação dos instrumentais de coleta dessa primeira etapa da pesquisa.

Para cada questionário aplicado, os entrevistadores foram orientados a produzir um relato de campo contendo observações sobre a dinâmica da entrevista e de aspectos exteriores do domicílio. No que diz respeito ao primeiro, os relatos descreviam reações dos entrevistados às perguntas realizadas, dificuldades de compreensão das questões formuladas, as interrupções ocorridas durante a entrevista, observações ou complementações fornecidas pelos entrevistados acerca de alguma questão. Para os aspectos exteriores foram destacadas informações sobre residência próxima de outros familiares, aspectos estruturais do bairro (localização, acesso ao bairro, percepções sobre o bairro) e do domicílio (compartilhamento do terreno, várias entradas individuais). Faz-se necessário destacar que muitos desses comentários e observações foram escritos nas margens do questionário, nos espaços próximos aos quesitos a que faziam referência. Esse procedimento, muito embora, poluísse visualmente os questionários, proporcionou maior agilidade e um número menor de perdas de informações do que a alternativa de escrever em folhas anexas. Esse material foi discutido em reuniões individuais entre a pesquisadora responsável pelo estudo, no caso a autora desse artigo, e os alunos de iniciação científica que atuaram como entrevistadores.

Os instrumentais de coleta (questionário e relato de campo) foram elaborados com o objetivo de permitir um diálogo contínuo entre essas fontes ao longo do processo de análise. Dentro de suas estruturas e conteúdos específicos, cada qual ofereceu elementos importantes para a compreensão dos eventos e dinâmicas estudados. Essa interação entre as fontes pauta-se pela complementaridade, onde os relatos de campo remetem não apenas a alguns dos significados atribuídos a determinadas respostas, ou conjunto de respostas, dadas pelos entrevistados no questionário, mas também, em alguns casos, forneceram contextos mais amplos nos quais aquelas práticas e eventos se situam. Faz-se necessário destacar que esses elementos

complementares não contemplam todas as partes do questionário. Isso porque os conteúdos obtidos através dos relatos de campo são frutos de falas espontâneas, que surgiram conforme a necessidade do informante de explicar ou contextualizar sua resposta. Os entrevistadores foram orientados a ficarem atentos a essas situações e a fazerem anotações acerca do conteúdo dessas observações espontâneas.

A entrevista estruturada é uma técnica associada comumente às metodologias quantitativas por implicar na organização do conteúdo empírico em categorias que sintetizam atributos que seriam comuns e regulares em uma população, acarretando o achatamento da complexidade da realidade social (FAZITO, 2009). Além disso, a aplicação de um questionário estruturado também facilitaria a operacionalização de alguns pressupostos científicos como a manutenção de um maior controle sobre as condições da pesquisa e de uma certa neutralidade do pesquisador na coleta de seus dados. Como observam Fraser e Guedes (2004) nessas situações cabe ao entrevistador dirigir o processo, formulando as perguntas de modo padronizado, evitando exercer qualquer tipo de influência sobre a resposta do entrevistado. Este, por sua vez, é incentivado por perguntas diretas a responder de forma objetiva, facilitando o enquadramento das respostas dentro de um conjunto de categorias pré-definidas.

Na aplicação dos questionários se procurou flexibilizar essa dinâmica permitindo que os entrevistados discorressem “mais livremente” sobre qualquer uma das questões apresentadas. Nesses momentos o entrevistador também tinha “liberdade” para assumir uma postura mais dialógica incentivando a fala do entrevistado. Esse tipo de procedimento é recorrente nas fases de pré-teste dos questionários porque permitem avaliar a performance, o nível de compreensão e adequação das perguntas e de suas categorias de respostas. Manter esse procedimento ao longo da realização de todo o campo permitiu estabelecer uma constante postura reflexiva sobre o material empírico, a atuação dos entrevistadores e os resultados produzidos. Contudo, essa é uma estratégia que demanda um trabalho de detalhamento e de certa forma artesanal, pois ele necessita de uma análise parcial individual de cada entrevista para poder passar para análises mais coletivas dos achados. Muito embora, tenhamos à disposição *softwares* de análise de dados qualitativos que possibilitem um manuseio mais ágil desse tipo de material em grandes quantidades, ao levar em consideração os recursos de tempo e financeiros que dispomos atualmente, sua operacionalização ainda parece mais factível para pesquisas de pequeno porte.

Gostaria de aprofundar esse relato metodológico sobre a interação/diálogo entre fontes distintas destacando dois temas que, particularmente, suscitaram um volume considerável de observações: responsabilidade pelos cuidados com crianças até 10 anos residentes no GD e compartilhamento da moradia com outros núcleos familiares.

Os cuidados com os menores de 10 anos: a centralidade das mulheres

As atividades referentes aos cuidados diários para com as crianças de até 10 anos de idade residentes na unidade domiciliar foram divididas em dois blocos de questões. Um voltado para os cuidados dispensados para as crianças com até 4 anos de idade e outro direcionado para aquelas que se encontram na faixa dos 5-10 anos. Além do entendimento de que cada uma dessas faixas etárias possui demandas diferenciadas de cuidados, essa divisão também considerou o fato de que

no Brasil, devido a carência de creches e escolas maternas públicas, predominantemente, o cotidiano das crianças até a faixa dos 4 anos de idade estaria restrito ao seu local de residência ou de outros familiares. As crianças a partir dos 5 anos de idade estariam mais expostas a outros espaços de interação social onde os cuidados cotidianos podem estar a cargo de diferentes pessoas ou instituições.

Em cada um desses blocos se perguntou sobre quem eram as pessoas que mais realizavam as atividades de cuidados, discriminando as responsabilidades com a alimentação e bem-estar, educação e lazer. No quesito de alimentação e bem-estar buscou-se saber quem cozinhava, definia o que a criança poderia comer, dava a comida, controlava os horários de alimentação, dava ou acompanhava os banhos, a escovação dos dentes, a troca de roupas, o corte do cabelo e das unhas, levava ao médico e administrava remédios quando doente. Em termos de educação eram verificados os responsáveis por levar e buscar na escola, participar de reuniões escolares, acompanhar os afazeres escolares, repreensões, controle do tempo e dos programas assistidos na TV e internet, por ficar com a criança quando não está na escola, saber com quem a criança compartilha o cotidiano (coleguinhas, familiares). Os responsáveis pelo lazer foram apontados para as atividades de brincar junto com a criança, levar para passeios ao ar livre ou em locais específicos e acompanhar em atividades esportivas. Pediu-se ao entrevistado que indicasse as pessoas responsáveis por desempenhar cada uma das atividades mencionadas, levando em consideração a frequência e o tempo que essa pessoa dedicava aquelas atividades.

Um terço dos 70 GDs inquiridos possuíam ao menos uma criança com até 10 anos de idade. Em todos os casos, a mãe é indicada com a principal responsável pelas atividades destacadas. As irmãs mais velhas e as avós aparecem mencionadas como colaboradoras, principalmente na atividade de ficar com a criança quando a mãe precisa sair ou quando a criança não está na escola. Os pais aparecem relacionados as atividades de lazer, mas com uma frequência menor do que as mães. A colaboração de outros parentes não residentes no desempenho dessas atividades aparece relacionado ao olhar a criança quando a mãe precisa sair ou está no trabalho. Em alguns casos (10 GDs) levar e buscar a criança na escola é uma atividade compartilhada com pessoas não aparentadas, mas não envolvendo remuneração. A única atividade que aparece a menção a uma pessoa remunerada que não mora no domicílio é cozinhar (3 casos apenas).

De uma maneira geral, se apreende pelos questionários que as atividades realizadas com frequência por outras pessoas não moradoras, invariavelmente tinham algum tipo de relação de parentesco com a criança e não recebiam qualquer tipo de remuneração. Quando se analisam os relatos de campo as observações referentes a esses quesitos nos fornecem outros elementos que ajudam a melhor contextualizar a situação dessas pessoas. Primeiramente observamos que na sua totalidade são mulheres com vínculos de parentesco muito próximos como tias, primas ou avós e que moram na mesma rua (“do outro lado da rua”, “aqui do lado”, “casa de cima”, “na esquina”). Ajudar a olhar as crianças é o termo mais recorrente para definir o tipo de auxílio que as mulheres entrevistadas recebem de outras mulheres aparentadas e que não moram no GD. Contudo, algumas observações apontam que essas ajudas propiciam outros tipos de ajuda. Abrem espaço igualmente para o estabelecimento de algumas trocas de outros serviços ou ajudas financeiras que não são consideradas obrigatórias, mas que assumem uma conotação moral de comprometimento com a parentela, dando suporte em situações de necessidade (“dá uma ajudinha quando precisa”, “disse que sempre que dá, também ajuda em alguma coisa porque uma

mão lava a outra”, “confia e sempre arruma um jeito de dar algo em troca, porque família sempre se ajuda com alguma coisa”).

O que se observa é que são trocas que se concretizam a partir das relações femininas de parentesco e vizinhança. São compromissos fixados entre mulheres. Interessante destacar a condição de invisibilidade masculina nas atividades que se operam no cotidiano, não apenas dos cuidados com os filhos pequenos, mas na própria manutenção do espaço doméstico. Isso se expressa por comentários do tipo: “ele não se atina nessas coisas”; “tem que implorar pra se mexer”, “prefiro fazer do meu jeito porque ele não sabe fazer direito”, “é muito desligado pra isso”.

Solidariedade e reciprocidade familiar: sempre a de ter um teto para quem é da família

A solidariedade e reciprocidade familiar se expressam não apenas no suporte à criação cotidiana dos filhos dependentes, mas também no abrigo, temporário ou permanente, de filhos, netos, irmãos e/ou sobrinhos. As observações referentes a discursos sobre a família e o suporte familiar aparecem de forma marcante no quesito que identifica as principais motivações para o compartilhamento da moradia com outros núcleos familiares.

No total de 70 GDs, 12 deles são compostos por mais de 1 núcleo conjugal ou reprodutivo. Esses núcleos secundários majoritariamente são formados por filhas da pessoa de referência, que tinham filhos menores de 18 anos e que na maioria dos casos não estava vivendo com um companheiro ou marido. Ainda sobre as composições encontradas, há situações em que a pessoa de referência não vive com filhos ou netos, mas com outros parentes, sendo o único núcleo reprodutivo existente no GD aquele formado por uma irmã e sobrinhos. Aliás, o compartilhamento da moradia com irmãos é um aspecto que se destacou durante a pesquisa de campo não por sua recorrência, mas pelas estratégias de manutenção da vida familiar e de suporte dos sobrinhos jovens que esses casos acabaram por revelar. Em muitas dessas situações, a moradia foi herança deixada pelos pais e que no momento da pesquisa estava sendo compartilhada por vários irmãos todos em faixas etárias acima dos 50 anos.

Nos GDs com mais de um núcleo conjugal ou reprodutivo, a principal razão apontada para o compartilhamento da moradia é a necessidade de suporte para cuidar de filhos pequenos ou de outros integrantes da família (idosos ou com algum tipo de deficiência). Intimamente ligada a essa motivação está a falta de recursos financeiros para arcar com aluguel e a manutenção de uma casa. Particularmente, segundo as anotações de campo, este quesito suscitou várias falas mais prolongadas e com argumentações bem afetivas sobre família, solidariedade e apoio familiar (“família nunca se abandona”, “cuidar da família é uma obrigação e faz bem”, “não se dá as costas pra alguém que é do mesmo sangue”, “é bom pras crianças”). Esses relatos refletem aquilo que vários autores (Da Matta, 1987; Sarti, 1996; Oliveira, 2005; Bilac, 2006) enfatizam sobre como a noção de família constitui um valor cultural fortemente arraigado em nossa sociedade, o que possibilita às pessoas recorrerem às suas redes de parentesco em momentos de necessidade.

Esse conjunto de informações e outras observações feitas nos relatos de campo apontam para o papel fundamental exercido pelas mulheres no gerenciamento do GD. A centralidade das ações cotidianas femininas foi repetidamente ressaltada por comentários sobre a dedicação, os

conhecimentos e a rede de relações dessas mulheres, utilizadas sempre para garantir “o melhor” para a família. Nesse “o melhor” para a família incluem-se os momentos de abrigo temporário de filhos e netos até que a casa própria esteja pronta, em muitos dos casos, o “puxadinho” construído no terreno em que mora ou ainda a troca de serviços para a manutenção da casa enquanto uma está trabalhando e a outra está de folga ou desempregada. Tal posição da figura feminina na unidade doméstica e na articulação das redes de parentesco remete e corrobora trabalhos considerados clássicos na produção sobre a temática de famílias e grupos domésticos na Bahia (Woortmam, 1987) e em outras localidades da Região Nordeste (Scott, 1990a).

Considerações finais

A aproximação da Demografia com perspectivas analíticas e metodológicas de áreas como Antropologia despontam com um verdadeiro desafio para o campo demográfico na medida em que o referencial estatístico de modelagens refinadas, de análises em nível macro de dados agregados assumem uma posição preponderante na produção demográfica. Como destaca Obemeyer (1997) isso pode ter criado barreiras significativas para a imaginação demográfica. Que contribuições os métodos qualitativos podem oferecer para a Demografia? Vários estudos têm demonstrado o quanto pode ser instigante incorporar métodos qualitativos, quebrando com as limitações impostas pela quantificação tanto em termos de estratégias de análise quanto de interpretações dos comportamentos demográficos. Mas para isso é preciso mais do que incorporação de métodos. Faz-se necessário um esforço reflexivo dos pesquisadores em definir novas questões e os métodos que possam responder a essas questões. Nesse sentido, Günther (2006) faz uma consideração muito apropriada para o conjunto de questionamentos levantados aqui. Para esse autor, ao conceber o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido é fácil entender que as peças individuais representem um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas idéias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, continua ele, a diversidade nas peças deste mosaico inclui perguntas fechadas e abertas, implica em passos predeterminados e abertos, demanda tanto de procedimentos qualitativos e quantitativos.

Bibliografia

- Bilac, E. D. (2006) Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões. En *Novas metrópoles paulistas. População, vulnerabilidade e segregação*. (J.M.P. Cunha, org.). Nepo/Unicamp, Campinas.
- Blanco, M.; Pacheco, E. (2003) “Trabajo y familia desde el enfoque del curso de vida: dos subcohortes e mujeres mexicanas.” *Papeles de Población*, n. 38, pp. 159-193.
- _____. (2001) “En busca de la “metodologia mixta” entre um estudo de corte cualitativo y el seguimiento de um cohorte en una encuesta retrospectiva.” *Revista del Centro de Estudios Demograficos y Urbanos*, v 51, pp. 485- 521.
- Carvalho, I.M.M.; Pereira, G.C. (2008) As «cidades» de Salvador. En *Como anda Salvador e sua região metropolitana*. (I.M.M. CARVALHO, G.C. PEREIRA, orgs.) EDUFBA, Salvador.

_____; _____ (2006) Segregação sócio-espacial e dinâmica metropolitana. En _____; _____ *Como anda Salvador*. EDUFBA, Salvador.

Da Matta, R. (1987) A família como valor: considerações não familiares sobre a família à brasileira. En. *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*.(A. M. Almeida, org.) Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, p. 115-136.

Fazito, D. (2009) Análises qualitativas na Demografia: um exercício de autocrítica dos fundamentos e práticas no campo demográfico. En *Qualificando os números: estudos sobre saúde sexual e reprodutiva no Brasil* (P. Miranda-Ribeiro, P. y A.B. Simão, orgs.), ABEP:UNFPA, Belo Horizonte, pp.23-38.

Fraser, M. T. D.; Gondim, S. M. G. (2004) “Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.” *Paidéia*, v. 14, n. 28, pp. 139 -152.

Greenhalgh, S. (1997) “Methods an Meanings: reflections in disciplinary difference.” *Population and Development Review*, v.23, n.4, pp.819-824.

Günther, H. (2006) “Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão?” *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 22, n. 2, pp. 201-210.

Kertzer, D. I.; Fricke, T. (1997) Toward an Anthropological Demography. En *Anthropological demography: toward a new synthesis*. (D. I Kertzer y T. Fricke, eds.) The University of Chicago Press, Chicago, pp.1-35.

Minayo, M. C. S. ; Sanches, O. (1993) “Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade?” *Caderno de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, pp. 239-262.

Sarti, C. A. (1996) *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Editora Autores Associados, Campinas.

Souza, G.A.A.; Brito, D.T.; Freitas, C.S.; Viana, F.P. (2008) Mudanças nas configurações de grupos domésticos na Bahia, de 1991-2000: características e condições de sociabilidade dos tipos mais significativos. En: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 16, Caxambu, MG..

Obermeyer, C. M. (1997) “Qualitative methods: a key to a better understanding of demographic behavior?” *Population and Development Review*, v. 23, n. 4, pp. 813-818.

Oliveira, M.C.F.A..(2005) Tendências contemporâneas e a família como questão. En SEMINÁRIO SOBRE FAMÍLIA E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL, Belo Horizonte: ABEP, 2005. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. (Mesa Redonda “Famílias do Passado e do Presente”).

Yoder, P. S. (2001) Conducting qualitative research on demographic issues. Trabalho apresentado XXIV General Conference, IUSSP. Salvador, Brazil.